

# NARRATIVAS SOCIOLITERÁRIAS NAS MEMÓRIAS DO BRASIL

RESULTADOS DE PESQUISA CONCLUÍDA  
GT 06 Imaginários Sociais, memórias e pós- colonidade  
José Willington Germano – UFRN/BRASIL  
Lenina Lopes Soares Silva – IFRN/BRASIL

## RESUMO:

Reflete-se acerca das narrativas socioliterárias inscritas nas Memórias de Pedro Nava. Problematiza-se que estas perpassam toda estruturação textual na perspectiva de que ele utilizou-se de uma nova racionalidade para interpretar o Brasil. Objetiva-se, assim, possibilitar diálogos que viabilizem o entendimento de que ao elaborar suas memórias Nava se reconstruiu, reconstruindo seus espaços e tempos, relendo literariamente a sociedade brasileira, cotejando assim, uma socioliteratura que permite discutir suas idéias dentro de uma dimensão cultural do espaço e tempo histórico brasileiro. Considera-se que, essa obra, constitui-se como uma memória social, seivada de elementos substantivos capazes de promover reflexões não apenas sobre o seu eu narrador, mas também sobre a cultura, a política e o Estado, tornando-se, assim, um legado para o país.

## PALAVRAS-CHAVE:

Memória; Literatura; Pedro Nava; Socioliteratura.

## RESUMO

Reflete-se acerca das narrativas socioliterárias inscritas nas Memórias de Pedro Nava. Problematiza-se que estas perpassam toda estruturação textual na perspectiva de que ele utilizou-se de uma nova racionalidade para interpretar o Brasil. Objetiva-se, assim, possibilitar diálogos que viabilizem o entendimento de que ao elaborar suas memórias Nava se reconstruiu, reconstruindo seus espaços e tempos, relendo literariamente a sociedade brasileira, cotejando assim, uma socioliteratura que permite discutir suas idéias dentro de uma dimensão cultural do espaço e tempo histórico brasileiro. Considera-se que, essa obra, constitui-se como uma memória social, seivada de elementos substantivos capazes de promover reflexões não apenas sobre o seu eu narrador, mas também sobre a cultura, a política e o Estado, tornando-se, assim, um legado para o país.

**Palavras-chave:** Memória; Literatura; Pedro Nava; Socioliteratura.

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, trazemos para o diálogo, a memória escrita como fonte de pesquisa, visando a contribuir com as discussões acerca desta abordagem para as pesquisas autobiográficas em diversas áreas do conhecimento, em especial, às Ciências Humanas e às Ciências Sociais. Esta é resultante da pesquisa: Memórias do Brasil: itinerários sociais e singularidades da formação em narrativas autobiográficas que vem sendo desenvolvida desde 2006, no Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nesta, são analisados livros de memórias de vários escritores brasileiros, entre os quais Pedro da Silva Nava.

O diálogo aqui proposto se dará em torno das narrativas socioliterárias de Pedro Nava (1903-1984), médico, poeta, artista plástico e escritor brasileiro. Considerado por vários escritores brasileiros como um sujeito múltiplo que ao publicar suas Memórias nas décadas de 1970-1980, no Brasil, desestabilizou o cânone literário brasileiro e trouxe às Ciências Humanas e Sociais suportes literários para pesquisas sobre o país e sua formação social, política e cultural. Daí advém, o enquadre de suas Memórias em uma perspectiva socioliterária, pois como ele mesmo afirmava:

Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança, onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo – argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança – manipulados pela imaginação criadora. [...] O resto é relatório. (Nava, 2000, p. 314).

As narrativas navianas são fontes de inspiração literária para a prosa e a poética e base empírica sobre a qual já se debruçaram renomados críticos literários e acadêmicos no Brasil e em outros países. No Brasil, destacamos: Antônio Candido, David Arrigucci Júnior e José Maria Cançado em meio a tantos outros. Ele tem ainda, inspirado ao longo destes mais de 40 anos de publicação das Memórias, inúmeras pesquisas acadêmicas e científicas nas mais diferentes áreas do conhecimento que têm se entrelaçado para interpretá-las, o que reforça as perspectivas da valorização das dimensões subjetivas da vida humana, com enfoque para a sociedade e a educação, empreendidas pelos estudos (auto) biográficos desenvolvidos no Brasil e na América Latina nos últimos anos, como assinala Sarlo (2007).

Nava como médico de formação foi atuante como pesquisador médico e se fez escritor, por decisão e escolha deliberada, nos tempos e momentos de sua vida nos quais considerou propícios para tal investimento humano, social e existencial. A escolha pelo gênero confessional deveu-se ao fato de sua verve literária ter aflorado durante a ditadura civil-militar no Brasil e também, por que ele considerava que a memória

na significação do que ela representa para o indivíduo como prática adquirida, conhecimento comprovado e experiência armazenada e se aplicarmos à ciência, à arte médica como monumento das ideias e doutrinas que são o seu corpo, veremos que essa evocação é tudo o que há de mais vivo [...]. Memória – não como lembrança imobilizada e contemplação paleontológica das idades mortas, mas como a representação dos caminhos que foram trilhados em vão e que não podem ser retomados; como a crítica dos erros pretéritos que é um aviso aos obstinados; como a análise do acerto antigo que é orientação atual da procura congênere. (Nava, 2003c, p. 12, grifo do autor).

Nava tem uma reconhecida produção literária relacionada com a História da Medicina que se encontra estruturada em cinco publicações, mas, sua produção literária de maior peso acadêmico e cultural são os trabalhos formados pelos sete livros que compõem o conjunto das Memórias que se encontram referenciados no final desta comunicação.

É imprescindível lembrar que Nava foi também poeta, e em sua vida, e após sua morte, despertou vários poetas a poemizarem sobre ele e sua obra memorial. Dentre os quais, grandes nomes da poesia brasileira, como Carlos Drummond de Andrade, Luiz Carlos Guimarães e Vinícius de Moraes. Contudo, não existe ainda no Brasil uma publicação que reúna em um só espaço, os poemas de Nava - que se encontram espalhados e publicados em livros, revistas, jornais e em arquivos, como o de Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo.

Nossas reflexões acerca das narrativas socioliterárias das memórias brasileiras se darão, observando-se as singularidades encontradas nas narrativas memoriais de Pedro Nava. Essas geraram problematizações que nos conduziram a apreender que essas perpassam toda a sua estruturação textual na perspectiva de que esse autor utilizou-se de uma nova racionalidade para interpretar o Brasil de seu

passado histórico, tornando-o capacitante para compreender seu presente. Isso condiz com as concepções que o inserem na literatura brasileira como sendo um clássico.

Objetivamos, assim, possibilitar diálogos interpretativos que viabilizem o entendimento de que ao elaborar suas memórias Nava se reconstruiu, reconstruindo seus espaços e tempos, relendo literariamente a sociedade brasileira, cotejando, assim, uma socioliteratura.

## 2 BUSCANDO UMA METODOLOGIA

As interpretações suscitadas pela leitura das Memórias de Nava permitem discuti-las partindo-se de uma dimensão social e cultural do espaço e tempo histórico brasileiro do século XX. Todavia, é necessário apontar as singularidades de sua escrita, sem negar a distinção do sujeito escritor, construtor social de suas memórias e inventor de si, dentro de um arcabouço literário que permitiu no Brasil, enquadrá-lo como divisor de águas da visão que se tinha de escritos memoriais como aqueles de segunda categoria, para vê-los como adscritos no pensamento social brasileiro.

Nesse sentido, além de ter sido observador, intérprete e tradutor do contexto social e cultural no qual sua vida, sua profissão e sua obra foram engendradas, direcionadas e configuradas pelas relações sociais de poder estabelecidas nos espaços informais e formais nos quais viveu, tornou-se um escritor reconhecido por ter escrito em gênero confessional – tão antigo quanto o desejo humano de se preservar da morte, tornando-se, assim, um clássico da literatura do Brasil.

A análise do conjunto das Memórias em interpretação considera que o autor foi um tradutor da sociedade em que viveu inserido em um determinado momento histórico. Compreendendo-se tradução, no sentido dado por Santos (2006, p. 134), como o “procedimento que nos resta para dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direção automáticos que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificar a história, a sociedade e a natureza.” Assim, os sentidos dados ao mundo pelo autor das Memórias em especial, o que elas denotam como experiências, vivências e reflexões sobre a sociedade, a política e o Estado brasileiro, compõem uma socioliteratura. Isso porque, o entendimento sobre memória, na pesquisa, assume a tese desenvolvida por Halbwachs (2004) de que lembrar não é viver o passado outra vez, mas refazê-lo, reconstruí-lo e re/pensá-lo com imagens, idéias e símbolos do presente, com intencionalidade re/construtiva.

Esta comunicação é assim, um intertexto que tem como aporte metodológico a leitura delineadora de um elo informativo/reflexivo sobre as Memórias de Pedro Nava com enfoque socioliterário, vendo-o como um intérprete do Brasil. Atendemos, desse modo, o desejo do Narrador que em sua obra expressa o desejo de partilhar saberes. Daí porque, optamos apenas por fazer uma tradução no sentido dado por Panichi e Contani (2003) em um estudo sobre a construção do texto em Nava.

A tradução tem como princípio retirar de uma fonte antecedente (não necessariamente elementos de outra língua) significados implícitos que possam funcionar em complementação descobrindo, assim, novas realidades. (Panichi & Contani, 2003, p. 139).

Tenta-se revelar uma socioliteratura desvelada em uma nova racionalidade, qual seja a inspiração literária exposta nas Memórias, derivadas de um longo trabalho de pesquisa documental feita pelo autor. Assim, os textos de Nava são lidos como uma prosa intimista envolvente, ora ficção, ora não ficção, enfim, produção humana existencial transposta para a escrita de momentos vividos e sentidos.

A tradução foi conduzida na pesquisa por questionamentos exteriores à obra, mas referentes a ela, quais sejam: Como a obra de Nava foi recebida no contexto literário brasileiro e na academia? Ao buscarmos durante a pesquisa respostas para esse questionamento, encontramos o que denominados de

narrativa socioliterária, nos fazendo refletir sobre escritos memoriais como um gênero textual capaz de inspirar intérpretes das mais diferentes áreas do conhecimento, que interpretaram esse autor de modo singular.

O caminho teórico que nos guiou foi aquele que a partir da literatura, em particular, da escrita autobiográfica e memorial perscruta a compreensão da universalidade extraliterária que contém em si a sociedade, a história, o imaginário, a vida no cotidiano e, nela, por recursividade, no sentido ensejado por Ricœur e Sarlo, retoma para si a prosa nas narrativas em primeira pessoa; a vida em signos e símbolos interpretáveis.

Sendo assim, a imaginação criadora aqui delineada perpassa o pensamento de: Paul Ricœur (2007) que nos auxiliou a refletir sobre a memória como capacidade precípua de nossa relação com o passado, e o de Beatriz Sarlo (2007) que nos ensina a abordar cientificamente as questões da forma do discurso em primeira pessoa dos escritos memoriais, como testemunho do passado, como narração da experiência.

O cotejamento do pensamento desses dois autores nos faz pensar as Memórias como um texto com possibilidades de, em suas relações com o leitor, criar espaços de subjetivações para além da perspectiva linear de interpretação textual, transitando entre o testemunho do vivido, os limites do relato pessoal, a verdade, a lenda, a realidade, a ficção e a poética como modos de expressão e interpretação literária em busca de uma socioliteratura.

### **3 NARRATIVAS SOCIOLITERÁRIAS NAS MEMÓRIAS DO BRASIL DE PEDRO NAVA**

Nas Memórias, Pedro Nava se contrapõe à compressão do presente pelo desejo explícito, em suas narrativas sobre o Brasil, de expandir o seu próprio presente a ele agregando as experiências sociais de um passado, inicialmente não vivido por ele, até chegar ao seu próprio passado, utilizando uma nova racionalidade. Esta se aproxima da razão cosmopolita quando traduzimos seus escritos dialogando com Santos (2006) sobre as possibilidades de encontrarmos em narrativas autobiográficas uma nova maneira para pensar os homens, na tessitura das relações sociais em um mundo globalizado cultural, econômica e socialmente, posto que em memórias há uma atualização do passado, no presente, como postula Sarlo (2007).

Compreendemos que “[...] a aspiração da dilatação do presente tem sido formulada apenas pelos criadores literários,” (Santos, 2006, p. 101), com o que, à sua maneira corrobora, Nava refletindo sobre a finitude da vida, ao afirmar: “Fujamos desse grande medo com a leitura. Vou ao canto de estante onde estão meus prediletos. Os que procuram o tempo perdido como Proust e os que fazem-no deslizar pessoa por pessoa fato por fato como Saint-Simon.” (Nava, 2003b, p. 51). Expande, assim, seu presente, suas experiências pessoais e, como o narrador benjaminiano, capacita seu passado como lição para o presente, observando e valorizando, à sua maneira, a experiência brasileira.

Ao narrar a experiência social brasileira e interpretá-la propositivamente, trouxe ao mundo brasileiro uma escrita carregada de possibilidades de novas leituras pautadas em uma visão do existente, experienciado e tornado possível.

A tradução das narrativas de Nava é assim entendida como suporte epistemológico com possibilidades de tornar compreensível e inteligível, as aspirações de um dado saber e de uma cultura por outra, em tempos e momentos diferentes. Desse modo, a tradução aqui viabilizada articula o pensamento naviano disposto de forma não linear, movido por um conhecimento cujas marcas trazem um princípio histórico dentro de uma abordagem crítica e humanista, propositiva e opinativa sobre tudo que se contrapõe a processos sociais desumanizantes.

Nava fez denúncias sociais e ousou através da literatura preencher lacunas históricas existentes no Brasil, promovendo, a expansão não apenas de seu presente, mas de seu mundo e dos modos de vida que lá existiam, nos mais diversos campos sociais. Isto vem possibilitando que se transponham com

ele, as escalas limitadoras do mundo colonial brasileiro, contrapondo-se às visões que emparedavam os saberes ali existentes, para vê-los em novas perspectivas. A história da medicina brasileira, e em particular seus estudos sobre medicina popular no Brasil Colônia, foi uma de suas muitas paixões de pesquisa, usando suas palavras,

O estudo da história da Medicina praticada no Brasil tem de ir buscar suas fontes em elementos semelhantes aos que são necessários ao estudo da História Geral da Medicina. [...] Os que tratam da cultura e dos costumes do índio brasileiro na época da Descoberta e nos períodos subsequentes; os que tratam da cultura e dos costumes dos grupos negros entrados no Brasil com o tráfico africano. (Nava, 2003c, p.17-18).

Ratificamos suas palavras porque o traduzimos como portador de uma nova racionalidade, na qual podemos compreender em suas buscas “a incorporação precoce de nossa flora às possibilidades das duas medicinas exercidas no Brasil – a erudita e a vulgar – é a maior influência desempenhada sobre as mesmas ou pelo jesuíta, ou pelo índio, ou pela ação conjunta de ambos,” acrescida da “influência do elemento africano que o tráfico introduziu e que é parte integrante da civilização brasileira.” (Nava, 2003c, p. 22).

Nava recorreu ao que poderíamos denominar de conhecimentos históricos e cartográficos médicos, para construir uma polifonia de saberes, fazendo uma espécie de anatomia social e humana para descrever seus percursos de vida: familiar, social, educativo e cultural, em espaços formais e informais definidos em uma escrita que prima pela erudição. Usou o desenho gráfico, o anatômico e o caricatural, muitas vezes como base, índice despertador de lembranças, descritos particularmente nas Memórias para representar expressivamente pessoas, instituições e espaços públicos.

A formação cultural do povo brasileiro, no tocante ao que explicita Nava sobre medicina popular no Brasil, comporta a mistura do humano com o divino, com o científico e o cultural em suas práticas desde o período Colonial. Tal prática é descrita nas Memórias em Monte Aprazível, em São Paulo e no interior de Minas Gerais em meados do Século XX (Nava, 2004c), onde viu e repreendeu um colega médico por receitar “carqueja e de preferência amarga e mais raspa de caroço de abacate queimado,” dizendo que, assim, este se igualava aos curandeiros (Nava, 2004c, p. 91), de quem narra ter ouvido em resposta o seguinte:

[...] O nível da população dominante aqui prefere o curandeiro de que você fala com tanto desprezo e que em verdade é um benemérito no Brasil inteiro. Primeiro, ele pratica uma profissão nascida de inegável vocação – no relacionamento dele e do doente, estabelecido mais facilmente que com o doutor. Segundo, ele é onipresente e exerce onde não há médico nessa nossa terra onde os colegas só se concentram em capital e cidade grande... (Nava, 2004c, p. 91).

Reconhece intervenções no real tornadas possíveis por outras formas de conhecimento para além da ciência moderna, como uma espécie de desafio ao conhecimento científico e diz ter aceitado como lição, o que disse o colega. Mas, vemos que, como médico, “o princípio da precaução” se sobrepôs até mesmo diante do respeito à crença alheia e à prática do colega.

A convergência entre conhecimentos múltiplos sejam científicos, não científicos, didáticos e populares estão literalizados nas Memórias como se o autor buscasse promover relações entre saberes para se opor a aporia engendrada sobre tais relações pela epistemologia monocultural presente em sua área de atuação profissional, pois sendo médico, poeta, artista plástico e escritor memorialista, transitou em meio a tais saberes e práticas com desenvoltura, fazendo emergir em cada atitude a unidade do diálogo entre eles o que um dia seria a composição de sua socioliteratura.

A concepção de tempo atrelada à de memória oferece justificativa à essa interpretação com uma figuração de linguagem que faz saber do tempo por ele percebido na lida diária com a escrita, parte do todo em movimento de seu passado em continuidades e descontinuidades, emprestadas pelo

presente, capazes de transformar o passado capacitando-o a ser traduzido, tornando a memória sobre a qual se debruça – esponjada. Assim, se revela sobre o tempo que interfere na memória:

Mesmo pensando diariamente no mesmo fato sua restauração trará de mistura o analógico de cada dia – o que chega para transformá-lo. É como navegar, arrastando dentro do mar-tempo um fio e um anzol que são sempre os mesmos mas sobre os quais se grudam as camadas e as camadas de plâncton que acabarão por transformar a coisa filiforme e aguda numa espécie de esponja. A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. (Nava, 2000, p. 239 -240).

Sinaliza, assim, que o tempo pode ser traduzido como mar, figura de linguagem que semanticamente traz a imagem de movimentos não linearizados, em ondas de várias formas, direções, padrões e intensidades. São vários momentos, experiências que no movimento temporal configuram a memória e amalgamam a viagem de sua linguagem memorial, onde “o compromisso do memorialista com a verdade dos fatos não o impede de produzir um mais além, que faz a própria matéria narrada mais poderosa e resistente à corrosão do tempo.” (Bueno, 1997, p. 144).

Ele desvela-se, em muitos trechos revelando uma criação imagética necessária ao trabalho da memória para caminhar em sentido contrário ao tempo de progressão linear, dizendo: “Olho para atrás no tempo, varo sessenta anos, vejo a perspectiva longínqua da Rua Direita, do alto dos Passos, vejo destacar-se o grupo de meninos vestidos de branco, roupa à marinheira.” (Nava, 2000, p. 61). Neste trecho, o tempo é passado que pode ser visitado, basta olhar “atrás no tempo”, pois nele está contido passagens da vida e dos costumes que pelo uso da recursividade na linguagem empregada cria o sentido de um ato capaz de volver o tempo para atualizá-lo na escrita.

Por meio de um estudo sócio/genealógico que abrange a última metade do Século XIX e ingressa pelos anos iniciais do Século XX, faz suas reflexões sobre registros da cultura africana que partem da leitura e da interpretação contextual da temática, qual seja a do reconhecimento desta cultura em meio à diversidade cultural brasileira, na qual viveram seus ancestrais.

Por essa conexão, a presença da cultura africana nas Memórias é uma forma de inserção e de reconhecimento empreendida pelo Narrador, observando o epistemicídio infringido a essa cultura no Brasil, pelos colonizadores, do mesmo modo que narra as suas marcas em suas raízes culturais e em sua formação como sujeito social, literalizando-a socialmente.

O modo de exposição do Narrador, em vários trechos, nos forneceu argumentos para refletirmos sobre a inserção do negro como protagonista da experiência brasileira, cujo cerne concorre para uma produção científica voltada para o aproveitamento das experiências culturais, observando-se a injustiça e a violência cognitivas praticadas pelos colonizadores contra os povos colonizados em todas as partes do mundo. Estes fundamentos analíticos são ratificados por Germano (2008) em seus estudos sobre violência epistêmica quando trata da questão africana e indígena no Brasil, nos mostrando que esta foi praticada em larga escala pelos colonizadores.

Nesse sentido, é imprescindível que o passado seja concebido como espaço-tempo capacitante, *locus* de ausências que ainda não foram transpostas para a experiência social, ainda não narrados ou historiados, como queiram, pois expõe Nava:

Devemos ao escravo o algodão maranhense e a cana de Pernambuco. E se a nossa unidade nacional é resultado da estabilidade do Segundo Reinado, esta foi alicerçada naquelas lavouras e, principalmente, na de café das três províncias de São Paulo, do Rio e de Minas, apoiadas, por sua vez, sobre os ombros de Atlas do nosso negro. (Nava, 2003c, p. 23).

Por estes e outros motivos, fazendo a leitura pela lógica dos reconhecimentos nas Memórias, observamos que quando não mais suportavam o trabalho forçado, a violência física, os escravos se revoltavam contra os maus-tratos, pois viviam em condições desumanas. Eram maltratados como

coisa/mercadoria “sem alma,” em comum acordo com a verve jesuítica, de certa maneira, orientadora das mentes que governavam o *modus operandi* do capitalismo naquele momento histórico no Brasil. Nava relata em “Baú de ossos” (Nava, 2002) histórias que nos indicam a existência funesta destas relações inumanas – no Brasil da escravidão negra – que moviam a economia e geravam riquezas para os senhores e para os colonizadores.

Após 1888, no Brasil, passou-se a uma nova modalidade agora de injustiça social/legal invisibilizada socialmente, e alinhada com o descaso do Estado que parecia não ver a população negra, a não ser quando desejava atingir determinados propósitos, especialmente os vinculados a trabalhos domésticos, à guerra e à prostituição, a primeira e a última são bastante recorrentes nas Memórias.

O autor registra com revolta, em seu baú memorial a existência de provas concretas de objetos usados para tortura de escravos, guardados na residência de um dos seus familiares: “[...] curioso é que na despensa [...] a Inhá Luísa guardava sua palmatória de cabuína e lá é que ela passava as rodadas de bolo nas crias da casa. Como se não tivesse havido a Princesa Isabel nem Treze de Maio.” (Nava, 2002, p. 244).

Enfoca a mistura das raças, denuncia crueldades e informa vias para outras pesquisas, pois há nas Memórias fragmentos que demonstram a forma de interpretação social do Brasil a partir das leituras feitas pelo Narrador no internato do Colégio Pedro II e em livros de escritores que tratam de sua terra.

Com suas palavras,

[...] a inteligência brasileira chegando ao apogeu, desde o início do estalo de Vieira.” (...) Era todo o Brasil amorimense, povoando o estudo com figuras trazidas pela mão dos nossos escritores. E quando estávamos cheios de índios, negros, luas, engenhos, mangues, mares, jangadas, frutas, das luas, dos sóis como não há e que Rocha Pita deixou em testamento para os porquê-me-ufanistas, via-se chegar mais gente e compreendíamos que o começo não era 1500 [...]. (Nava, 2001, p. 49).

O autor procura informar a seus leitores que a história brasileira precisa ser relida, que devemos pensar no antes de 1500 para que, por essa via, os nossos ancestrais chamados de índios pelos colonizadores reingresssem em nossa memória, com suas experiências e sabedorias e, para que, os que ainda sobrevivem se tornem visíveis, existentes em seu próprio território e sejam valorizados como partes deste.

Assim, sobre seu itinerário interescolar na cidade do Rio de Janeiro informa:

[...] eu me dou ao trabalho de dar rua e número das casas que descrevo e ficarei amplamente recompensado se uma única pessoa quiser seguir meus itinerários para ver no lugar certo os requintes de serralheria que eu indico e mais a graça de certas varandas, a proporção das janelas e portas, a sugestão de um velho portão que se enferruja, dum muro, dum parede, dum telhado e até a humildade do lixo despejado nos baldios – nessa nossa cidade linda como Nápoles e mais suja que o Cairo (Nava, 2003b, p. 23).

Nestas reflexões, Nava (2003b) faz uma localização cultural, política e social do Rio de Janeiro e ao mesmo tempo apresenta problemas sociais ali existentes, realçando comparativamente que não são diferentes de outras cidades, mundo afora. Reforça, dessa maneira, a forma de pensar que possibilita ver o local no global e vice-versa sem que ambos percam suas características culturais. Nesse sentido, Nava (2003b) trabalha nas Memórias partindo de analogias entre o local e o global, traçando, ao mesmo tempo, aspectos de valorização e de crítica social.

Ainda sobre este problema em seus passeios pela cidade do Rio de Janeiro o Narrador mapeou também os resíduos não tratados da sociedade de consumo, marcos da globalização hegemônica e da descartabilidade do capitalismo aliados ao descaso dos governantes e das pessoas.

Toda a encosta da montanha está coberta de utensílios imprestáveis e policrômicos, de restos de papel, de comida, de roupas que repugnam e revoltam a quem olha de perto aquela imundice acumulada de negligência, descaso e incapacidade de nossa limpeza urbana. (Nava, 2003b, p. 16).

Em continuidade à questão da lógica que permite ver a exclusão no local, vemos que lixo e homens são dois aportes de exclusão social e estão presentes nas reflexões de Nava quando este faz uma narrativa sobre a feira livre do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, revelando:

O mercado acaba a meio-dia e carregadas as barracas – surge o batalhão terrível dos mendigos catando no chão a comida que caiu. São mulheres, crianças, velhos. Não são gatos nem cães. São seres humanos. Por tal espetáculo somos todos responsáveis, os que não precisamos mexer em restos de lixo para matar a fome. Sim, todos responsáveis. É sobre essa massa de sangue, pobreza e carne desvvida que assenta nossa pirâmide social. (Nava, 2003b, p. 21).

Neste trecho, revemos, mais uma vez, a leitura do local feita pelo Narrador no movimento do dia-a-dia e, nesta, suas aspirações com relação à justiça social como busca de dignidade para os mais pobres e respeito com o humano.

Os marcos arquitetônicos da colonização são descritos como pontos de um mapa cognitivo que para o autor logo deixará de existir pelas demolições e aterros que ocorrem constantemente na cidade. Sobre estes revela:

[...] Uma demolição, o aterro que fez a nova praia de Copacabana – suprimem assim milhares de coisas, interrompem e bloqueiam a memória. Há desse jeito um momento de guardar certos ambientes nos seus íntimos detalhes – todos importantes porque qualquer unzinho deles poderá disparar num futuro obscuro o gatilho da recordação. Se tudo é suprimido, jamais dar-se-á o encontro do lembrador com o fragmento que desencadeia a lembrança. (Nava, 2004c, p. 249-250).

De igual modo, Nava admirava o que havia da cultura europeia incrustada na cidade do Rio de Janeiro e fazia denúncias sobre o impacto das aspirações universalistas da modernidade impostas à cidade. Criou em suas narrativas um modo para mostrar a existência de aspirações universais alternativas à destruição do patrimônio público material e imaterial operada sobre a cidade em nome do progresso.

Ao se impor por suas ações como um sujeito que na velhice conseguiu desestabilizar o cânone literário brasileiro com sua socioliteratura, construindo uma obra densa que contribuiu para se interpretar o Brasil de seu tempo, e também, para se pensar em um mundo mais justo, o Narrador quebra preconceitos que há muito foram enraizados. Arrigucci Jr. ratifica nossa percepção ao afirmar que Nava “[...] começou por quebrar a cara do preconceito corrente que reduz a velhice à ausência de desejo, à rigidez de atos e idéias, à improdutividade e à espera solitária da morte.” (Arrigucci Jr., 1987, p. 69).

#### **4 À GUIA DE CONCLUSÃO**

As Memórias trazem contribuições substanciais para o campo de pesquisas que transversalizam literatura e memória, educação e sociedade, memória e história, política e Estado por fazer a distinção e a inclusão de si mesmo na sociedade. Sendo parte constituinte dessa conjunção de fenômenos vai amalgamando em sua escrita aquilo que é singular em seu contexto, sem deixar de lado o que é parte sua e da memória de sua sociedade, de sua cultura, mostrando aquilo que as legitima como construtos humanos e sociais.



Os escritos remontam a lugares conhecidos e situados geograficamente, espaços por onde transitava, os quais são descritos no movimento da vida que lá existia, como a querer fixar o passado no presente; como se quisesse nos dizer que, para pensar a sociedade brasileira é necessário que nos situemos na história de seu povo com suas particularidades; com seu modo de vida, com seu jeito de ser, na concretude do dia-a-dia, nas dinâmicas familiares, sociais, políticas e culturais, na práxis do cotidiano; e na multiculturalidade da formação de seu povo.

Ressaltamos que, por situarmos a relevância da história concreta na elaboração textual, isso não quer dizer, que negamos a subjetividade do sujeito escritor perpassada na escrita. Pelo contrário, reafirmamos a concretude subjetiva do sujeito que, inserido no contexto, conheceu o passado, viveu o presente e o transpôs para o futuro, reconstruindo seu passado.

Por fim, ressaltamos que estas são apenas mostras fragmentárias de uma tradução literária confessional que interpreta o pensamento de um sujeito que soube traduzir o Brasil do Século XX, amalhando em sua literalização o que poderíamos sintetizar como formas sociais e culturais de vidas, embrenhadas na política e banhadas na escrita, de certa forma, pela sua formação intelectual e médica.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, Mário de. (1982). *Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Edição preparada por Fernando Rocha Peres).
- \_\_\_\_\_. (1978). *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez com Ilustrações de Pedro Nava. Edição crítica dedicada à memória de M. Cavalcanti Proença. Coleção Universitária de Literatura Brasileira, Série C - Ficção - romance e conto. v. 1. Livros Técnicos e Científicos Editora/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia (SP) Rio de Janeiro - RJ/São Paulo – SP;1978.
- Andrade, Carlos Drummond. (2000). Pedro Nava a partir do Nome. In: NAVA, Pedro. *Balão Cativo: memórias 2*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Arrigucci Jr. Davi. (1987). *Enigma e Comentário*. Ensaio Sobre Literatura e Experiência. São Paulo; Cia. das Letras.
- Bastos, Dilza Ramos. (2003). *Pedro Nava no Acervo Bibliográfico da Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura. Papéis avulsos 46.
- Benjamim, Walter. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Bueno, Antônio Sérgio. (1997). *Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Cançado, José Maria. (2003). *Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Candido, Antonio. (1987). *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática.
- Carlos, Hélio Lima. (2003). Os Fantasmas da Rua da Glória 190. In: NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito: memórias 6*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003c.
- Castro Neto, Gastão. (2003). Cruz Vermelha. In. NAVA, Pedro. **Galo-das-Trevas** as doze velas

imperfeitas: memórias 5. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b. p. XI-XII.

Drummond, Olavo. (2003). Canção a Pedro Nava. In: NAVA, Pedro. *Galo-das-Trevas* memórias 5. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b. p. XIII-XV.

Germano, José Willington. (1995). *Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_. (2008). O discurso político sobre educação no Brasil autoritário. In: *Os vinte e um anos de ditadura militar no Brasil e a educação: seu legado para o debate educacional atual*. Caderno Cedes, São Paulo, Campinas, 2008a, p.313-332. (CEDES, v.28, n.76, p. 283-284, set./dez. 2008)

Guimaraens Filho. Alphonsus de. (2001). Um Poema para Pedro Nava. In: NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias 3. 3. ed.* São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano.

\_\_\_\_\_. (2003). Canção da Manhã mais Matinal. In: NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias 4. 4. ed.* São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a. p. XI-XII.

Guimarães. Luiz Carlos. (2003). Naveana do Galo-das-trevas. In: NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito: memórias 6. 5. ed.* São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003c.

Halbwachs, Maurice. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

Moraes, Vinicius de. (1973). *Balada de Pedro Nava (o anjo e o túmulo)*. Minas Gerais, Belo Horizonte, mar.1973. Suplemento Literário, v. 8, n. 343, p.5,24; e em: [www.viniciusdemoraes.com.br/](http://www.viniciusdemoraes.com.br/)

Nava, Pedro. (1982). Se eu soubesse brincar. In: ANDRADE, Mario de. *Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Edição preparada por Fernando Rocha Peres).

\_\_\_\_\_. (1996). O canto do vingador. In: LE MOING, Monique. *A solidão Povoada*. Rio de Janeiro: nova Fronteira. p 265-66.

\_\_\_\_\_. (1999). *Cadernos 1 e 2*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. (2000). *Balão Cativo: memórias 2*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. (2001). *Chão de ferro: memórias 3. 3. ed.* São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001.

\_\_\_\_\_. (2002). *Bau de Ossos: memórias 1. 10. ed.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. (2003). *Beira-mar: memórias 4. 4. ed.* São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a.

\_\_\_\_\_. (2003). *Galo-das-Trevas: as doze velas imperfeitas - memórias 5. 5. ed.* São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b.

\_\_\_\_\_. (2003). *Capítulos da História da Medicina no Brasil*. Cotia São Paulo: Ateliê Editorial:

Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003c.

\_\_\_\_\_. (2003). *Território de Epidauro*. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano, 2003d.

\_\_\_\_\_. (2003). *O anfiteatro: Textos sobre medicina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003e.

\_\_\_\_\_. (2004). *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel: anotações extraídas dos diários do autor*. 2. ed. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial.

\_\_\_\_\_. (2004). *A medicina de Os Lusíadas e outros textos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 2004b.

\_\_\_\_\_. (2004). *O Círio Perfeito: memórias 6*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2004c.

\_\_\_\_\_. (2005). O defunto. SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava 1903-1984: Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro. p. 115-118.

\_\_\_\_\_. (2006). *Cera das almas: memórias 7*. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano.

Penido, Paulo. (1998). *Pedro Nava: O bicho Urucutum*. Seleção de textos e desenhos. São Paulo: Ateliê editorial/Giordano.

\_\_\_\_\_. (2003). **O bicho urucutum**. São Paulo: Ateliê Editorial.

Peres, Fernando da Rocha e Mindlin, E. José (Orgs.) (1983). *Louvação Poética a Pedro Nava*. São Paulo: Prol Editora Gráfica Ltda, 1983. Edição numerada de 001 a 300. Livro n.096.

Ricoeur, Paul. (2007). *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas – SP: Editora Unicamp.

\_\_\_\_\_. (2002). O passado tinha um futuro. In: MORIN, E. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Cap. 6, p. 369-378.

Santos, Boaventura de Sousa. (2006). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez. (Coleção para um novo senso comum; v.4).

Sarlo, Beatriz. (2005). *A paixão e a exceção*: Borges, Eva Perón, Montoneros. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG.

\_\_\_\_\_. (2007). *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG.